

# CECÍLIA MEIRELES E A CRÔNICA DE VIAGEM: ROTEIRO PARA TURISTAS APRENDIZES

Karla Renata Mendes (UFPR)<sup>1</sup>  
Raquel Illescas Bueno (UFPR)<sup>2</sup>

**Resumo:** Cecília Meireles é um dos nomes de maior importância de nossa poesia nacional. Atualmente, cada vez mais leitores, críticos e pesquisadores, descobrem também em Cecília uma exímia cronista. Seus textos, escritos para periódicos entre os anos de 1930 e 1964, apenas recentemente começaram a ser publicados e conhecidos por um público mais expressivo. A crônica “Por falar em turismo”, aqui analisada, insere-se na categoria de crônicas de viagem e contrapõe o turismo em Portugal ao turismo no Brasil, constatando alguns pontos negativos no tratamento brasileiro a seus turistas.

**Palavras-chave:** Cecília Meireles; crônica; turismo.

O livro *Episódio humano* (2007) reúne artigos de Cecília Meireles escritos entre 1929 e 1930, organizados pela própria autora, mas inéditos até então. Em um dos textos, “Debaixo da noite e diante do mar”, ela afirmou: “Eu sou muito mais que eu mesma... Não me basta, para guardar-me, não sirvo mais para conter-me...” (Meireles 2007: 40) Tal frase resume em alguma medida a ideia inicial que moveu o trabalho aqui apresentado: evidenciar ao menos uma das várias “Cecílias” que, incontida em uma só, tornou-se uma figura múltipla e de atuação variada.

Se a evocação primeira de seu nome nos remete à poesia, que a consagrou como uma das mais importantes referências da moderna Literatura Brasileira do século XX, uma posterior avaliação nos apresentará uma personagem também

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Mestre em Estudos Literários. E-mail: [krmendes@yahoo.com.br](mailto:krmendes@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Estudos Literários. E-mail: [raquel.illescas@yahoo.com.br](mailto:raquel.illescas@yahoo.com.br).

devotada à ilustração, ao jornalismo, à educação, ao folclore. E o livro, anteriormente citado, demonstra que há muito mais a se descobrir sobre a autora, num contínuo processo de renovação de sua obra que, com a publicação de escritos inéditos, apresenta-se constantemente “outra”, diferente.

Diante disso, voltamo-nos aqui para a obra em prosa de Cecília Meireles composta por crônicas publicadas em jornais ao longo de mais de trinta anos, artigos, entrevistas, conferências, e prevista em mais de 20 volumes. Dentre os volumes publicados, destacam-se aqui os três livros que reúnem crônicas agrupadas sob a designação *crônicas de viagem*, relatos que atestam mais uma vez a universalidade de Cecília Meireles. Percorrendo Paris, Ouro Preto, Bombaim, dentre inúmeros outros destinos, a cronista confirmava a medida do universal que nela habitava, descrevendo com a mesma intensidade lírica os mais diferentes roteiros. Viajante, e não turista, como gostava de salientar, Cecília transmitiu a seu leitor as impressões de percursos sentimentais e não somente deslocamentos geográficos. Se, em seus textos, é possível vislumbrar um amanhecer em Calcutá, também é possível observar uma tourada no México ou se encantar com uma visita ao Taj Mahal. Suas crônicas nos colocam em trânsito, fazendo-nos passear pelos mais diversos cenários e culturas. Em seus textos de viagem é possível atestar o fato de que, se o Brasil caracterizou-se como seu berço, o país tão admirado e divulgado, outros destinos foram adotados sentimentalmente por ela, ganhando retratos peculiares matizados por um caráter poético.

Dentre tantos destinos percorridos pela autora e eternizados em seus textos, os relatos por Portugal, terra de seus antepassados, berço de sua história, país com o qual a escritora sempre manteve uma proximidade literária e afetiva revelou-se um terreno fértil para a exploração das características da cronista: sua subjetividade, seu lirismo, a viagem como pretexto para digressões e indagações pessoais. Todavia, se há textos com predomínio de reflexões de caráter “interior”, em outros a percepção “exterior” é mais pujante. Nesses, se percebe que o olhar da viajante concentra-se muito mais no espaço, na realidade dos fatos suscitados pela viagem, do que propriamente nas sugestões que tais deslocamentos provocavam. Assim, as associações e reflexões pautam-se pela referencialidade, e, em muitos casos, por um olhar crítico ou levemente irônico desta viajante.

É nesse sentido, que ao longo de algumas de suas crônicas, Cecília Meireles salientava a distinção entre as categorias de “turista” e “viajante”. A principal diferença entre ambos seria, segundo ela, o que buscam em cada viagem. Enquanto o primeiro espera desfrutar prazeres de ordem material (um hotel confortável, *souvenirs*, fotografias, compras), o segundo vai em busca de prazeres espirituais (beleza, aprendizado, contemplação). Nesse contexto, a crônica “Por falar em turismo”, presente no volume *Crônicas de viagem-3* (1999), demonstra que, antes de eximir-se de ser chamada “turista” Cecília observou e conheceu um pouco da essência desse tipo de viajante. Assim, registram-se aqui algumas impressões que transformam o texto em um pequeno guia sobre o turismo.

Partindo de suas próprias experiências de viagem, Cecília coloca-se no lugar do turista, salientando falhas e louvando qualidades na maneira como se é tratado em determinadas situações de viagem. Elaborando um texto crítico, argumentativo, mas sem deixar de conter imagens poéticas, a cronista defende seus argumentos em

torno de três ideias principais. São elas: a primeira, na qual se tenta definir um pouco da natureza do turista, suas exigências e no que esse se diferencia do viajante; a segunda em que se critica e se lamenta alguns aspectos do turismo no Brasil, e a terceira em que se enaltece o tratamento dispensado aos hóspedes na Europa, em especial, em Portugal.

Dessa forma, no parágrafo inicial do texto, aparecem as primeiras definições do turista e sua situação no contexto brasileiro: “Nós brasileiros, que amamos a nossa terra, - e como o Brasil precisa ser amado! - facilmente confundimos o nosso amor (cheio de esperanças e perdões) com o turismo dos visitantes que nos procuram” (Meireles 1999: 71). Nota-se que, ironicamente, Cecília destaca o fato de que o país precisa levar mais a sério seus turistas, pois eles não são tão compreensivos como o são os próprios habitantes. Não perceber que o turista tem outras exigências e necessidades seria para a cronista “um erro que merece ser corrigido”. E ela explica o porquê:

o turista, frequentemente, não é um poeta, nem um historiador, nem um sábio e nem um santo. As pessoas dessas categorias, - e na dos poetas estão incluídos os demais artistas - podem viajar em trens quebrados, em automóveis sem molas, por estradas de qualquer espécie, passando fome e sede, sob grossas nuvens de poeira e de mosquitos. Essas criaturas estão possuídas de sonho e fanatismo da mais pura qualidade: creio mesmo que levem um anjo da guarda inconfundível, que as suporta nas mais duras provas e as protege de todos os perigos. (Meireles 1999: 71)

Observa-se que num primeiro momento a cronista preocupa-se em definir o que o turista *não* é. As categorias de “poeta” (artistas), “historiador”, “sábio” e “santo”, seriam a dos viajantes dispostos a fazer sacrifícios de toda ordem, renunciando, inclusive, ao seu próprio bem-estar. Todavia, o turista não pertence a nenhuma dessas classes, o que implica o fato de que ele não é um “renunciante”, mas valoriza em primeiro lugar o conforto e a comodidade em uma viagem.

A distinção efetuada pela autora refere-se a uma imagem do turista consolidada através do tempo. Observa-se que, se a ideia de viagem remonta à Antiguidade, o que se conhece hoje por turismo é um fenômeno moderno, como destacam Figueiredo e Ruschmann (2002) em artigo publicado sobre o tema: “o turismo - viagem moderna - inscreve-se na lógica dual trabalho/tempo livre. Ele é sinônimo de férias e transformou-se no uso maximizado do tempo livre.” (Figueiredo; Ruschmann 2002: 170) Assim, o turismo que se desenvolveu no século XIX, é historicamente marcado por uma concepção particular de sociedade e tempo, e traz com ele uma “ruptura na prática e no imaginário sobre as viagens. A partir de então, o turista vira protótipo de viajante para mais tarde, mesmo sendo um tipo de viajante, contrastar com o viajante ‘puro’” (Figueiredo; Ruschmann 2002: 169). Esse contraste entre “turista” e “viajante puro” a que se referem os autores corresponde à classificação de Cecília na crônica. Ela coloca de um lado os viajantes “abnegados” (puros) e, de outro, os turistas, que, supostamente desfrutando de seu tempo livre, buscam acima de tudo conforto, prazer e diversão.

Mantendo uma visão que vai ao encontro da correspondência histórica da figura do turista, não surpreende que após enumerar o que ele não é, a cronista procure defini-lo nos seguintes termos:

O turista, porém, com ou sem anjo da guarda, é uma criatura diferente, cheia de exigências, que, antes de ver os panoramas, quer experimentar os colchões, antes de se extasiar diante de uma igreja ou de um museu, quer ver a cara do copeiro, e cujas necessidades numerosíssimas não há profeta do Aleijadinho que seja capaz de prever. (Meireles 1999: 71)

Observa-se que, mantendo um tom irônico, Cecília destaca a exigente personalidade de um turista. Buscando sanar todas as suas necessidades e desejos pessoais, antes de desfrutar os verdadeiros prazeres que uma viagem tem a oferecer, ele é incansável e incontrolável em atingir sua plena satisfação material. Desnudando a “alma” desse personagem, ainda que não compartilhe de suas convicções, a cronista confessa: “Por isso, quando me falam no turismo do Brasil, fico um pouco melancólica” (Meireles 1999: 71). A origem de tal sentimento é explicada na sequência, mantendo-se o mesmo tom irônico. Todavia, antes de expor os argumentos que sustentam sua melancolia, Cecília Meireles expressa uma de suas mais emblemáticas definições para o turista: “Porque o turista é a seu modo um comerciante. É certo que o seu comércio é muito delicado: ele compra sensações de beleza, mas deseja que venham revestidas de sensações de conforto (muito mais fáceis, aliás, de desejar).” (Meireles 1999: 71) [grifos nossos]

Durante o período em que foi responsável pela *Página da Educação*, Cecília já evidenciara em algumas crônicas suas opiniões sobre o turismo. Reunidas nos volumes *Crônicas de Educação*, tais textos revelam de forma mais contundente o posicionamento crítico da autora diante do tema, e que apareceria sob uma roupagem mais literária ao longo de suas crônicas de viagem. Dessa forma, no texto “Lin Yutang e o turismo”, publicado quinze anos antes da crônica aqui analisada, a autora já salientava a opinião do filósofo chinês que muito se assemelha ao destacado acima: o “turismo que [...] começou por ser um prazer – a arte de viajar – acabou transformando-se numa indústria” (Meireles 2001: 7). Ambas as afirmações evidenciam que, no contexto turístico, a ideia de viagem perde muito de sua carga subjetiva, e acaba se transformando numa relação de negócio, na qual o investimento do turista deveria garantir sucesso da empreitada. A lógica desse negócio consiste exatamente em estabelecer uma troca: o turista paga e quer desfrutar de toda a comodidade que seu dinheiro pode oferecer, e, para Cecília, exatamente aqui residia o “problema” do turismo no Brasil:

Passo em revista mentalmente o que possuímos do Brasil turístico, e lembro-me de lugares cheios de boa vontade, onde pessoas boníssimas, porém, com muitas espinhas nas bochechas, e unhas de luto, nos servem uns bifés muito duros e um arroz muito gorduroso, e umas laranjas muito azedas e um pão meramente simbólico, antes de chegarmos à apoteose do café, que costuma ser a mais refinada injúria a

essa preciosa e tradicional riqueza de nossa muito amada e maltratada pátria. (Meireles 1999: 71-72)

Quando pensa nas necessidades dos visitantes e na respectiva estrutura turística encontrada no país, Cecília constata que, apesar da boa vontade e simpatia descoberta em determinados lugares, o que se oferece está muito aquém do procurado pelo turista. A cronista parece elencar no trecho acima problemas experimentados por ela mesma ao longo de suas viagens pelo Brasil. Tome-se como exemplo uma carta que enviou às filhas no ano de 1947, relatando sua estadia em Belo Horizonte. Nela, Cecília comenta ter sido lhe servido ao jantar “um bife à cavalo, mas tão pouco convincente como se fosse a pé” (Meireles 2006: 137). Outra decepção era o café brasileiro, pois, em um país agraciado com essa “preciosa e tradicional riqueza”, servia-se uma bebida de péssima qualidade. Tal insatisfação é registrada em algumas crônicas, como o texto “Ares de Lindóia”, de 1964, em que a cronista afirma: “Depois de Jundiá, aparecem mangueiras carregadas de frutos e uns cafezais tão bem plantados, tão bem nascidos, tão bem crescidos que me voltam as esperanças de ainda poder saborear, antes de deixar São Paulo, uma xícara de bom café. (Ai de mim e dos meus sonhos!)” (Meireles 1999: 265).

Observa-se que as primeiras críticas da autora, no que concerne ao turismo no Brasil, dirigem-se justamente à comida e ao atendimento dispensado aos viajantes. O destaque a tais elementos, principalmente a comida, provém da conclusão ceciliana de que “uma das coisas que o turista deseja (porque o turista é desajeitado mas bem intencionado) é entrar em contato com a terra e com o povo” (Meireles 1999: 72). Assim, a autora constata que “o turista quer saber como é o nosso feijão e o nosso vatapá, e o que é um abacaxi [...] e uma jaca, e as diferenças entre uma cobra e um sabiá” (Meireles 1999: 72). E os protege: “Não, nesse ponto, eu defendo o turista: ele merece ser bem tratado; e se o chamamos para lhe mostrar alguma coisa, devemos ser honestos e verdadeiros, pois o dinheirinho que ele gasta nessas coisas, pode não ser honesto (que sei eu!), mas não é falso” (Meireles 1999: 72).

“Entrar em contato com a terra e o povo”. A referida afirmação e os argumentos que a sustentam retratam de maneira mais jocosa uma convicção ceciliana expressa de maneira enfática em crônicas como “Educação e turismo”, de 1941: “constituem material turístico: de um lado, as realizações e as atividades peculiares de um povo – de outro, as características naturais de um país ou região. (Meireles 2001: 91) Cecília deixa clara sua opinião de que um lugar só estaria apto a atender os turistas, e recompensar os investimentos de viagem, se lhe proporcionasse um contato sincero com essas duas instâncias: terra e povo. Percebe-se que nas duas categorias está contida, de maneira geral, a ideia de que o turista precisa conhecer os elementos tradicionais do lugar que visita, sejam as comidas e bebidas típicas, o artesanato, as belezas naturais. Quando sai em defesa dos turistas que visitam o Brasil, Cecília salienta a necessidade de facilitar o contato dos forasteiros com as peculiaridades do país, sem engodos ou malandragem. E claro, como o turismo é um “comércio”, seria preciso oferecer serviços de qualidade, que recompensassem o turista pelo dinheiro que aqui deixasse.

Exatamente por valorizar o contato do viajante com a terra e o povo, a cronista exaltou no texto o turismo europeu, principalmente as pousadas portuguesas que,

segundo ela, “dentro do possível, e por um prazo limitado – procuram oferecer ao passante momento agradáveis para se refazer das suas excursões” (Meireles 2001: 91). E o que exatamente distinguiria o turismo em Portugal, para que Cecília o louvasse com empolgação? Observe-se o que ela destaca como atributos capazes de conquistar o turista:

Envolvido por um ambiente simpático, regionalista, e, se não rigorosamente folclórico, com um aproveitamento feliz de certas coisas populares: recebido com carinho (pelo menos, se é brasileiro); e seduzido por certas especialidades culinárias que o tornarão feliz, antes de o tornarem obeso, - o turista, em Portugal, viaja como creio que nem os príncipes podiam viajar (incógnitos, quero dizer) há cem anos. (Meireles 1999: 72)

Sua satisfação com o turismo português é definida aqui em alguns pontos principais: o ambiente regionalista, em que o viajante entra em contato com temas populares; a acolhida carinhosa aos hóspedes e a possibilidade de provar delícias gastronômicas. Atente-se para o fato de que as qualidades exaltadas enquadram-se nas categorias apontadas anteriormente como importantes para a satisfação do turista. Assim, Portugal, ao contrário do Brasil, recebia o visitante respeitando seu direito de entrar em contato com a terra e o povo. Ainda que evidenciasse nas pousadas certos problemas como a falta de água, com bom humor Cecília tentava minimizar a situação, tomando para si a culpa, afinal, segundo ela, os brasileiros seriam “tão anfíbios que [andariam] sempre pensando em banho, a qualquer momento, em qualquer estação e clima” (Meireles 1999: 72). Além da falta de água, que como afirma a viajante, “sempre se pode remediar”, as pousadas seriam lugares encantadores, com “muita poesia e atração”. Parte dessa “aura poética” era evocada devido aos noivos em lua de mel, os quais tornariam o lugar “assim uma coisa meio sagrada, que se olha de longe”, ou ainda porque elas, no outono, ficariam com “o seu jardim coberto de folhas amarelas, nas árvores e no chão”, fazendo “pensar em Van Gogh” (Meireles 1999: 73).

Observa-se que quando Cecília passa a se referir às pousadas em Portugal, a crônica acaba ganhando outro tom. O texto torna-se mais subjetivo e marcado por imagens de maior carga poética, o que denota o apreço sincero da autora pelo que descreve. Mantendo um tom lírico, ela destaca ainda outras pousadas que estariam “como perdidas no fim do mundo, suspensas à beira de abismo, [dando] a sensação de pairar entre o céu e a terra, numa platibanda de silêncio.” Ou ainda a que, instalada num castelo, permitiria “viver uma outra época, de paredes de pedra, com escadas de degraus tão altos que [mostrariam] como hoje em dia somos uns tristes pigmeus” (Meireles 1999: 73). Além de ser presenteado com belezas e atrativos que naturalmente ali brotavam, o turista poderia ser envolvido ainda mais nessa verdadeira “teia de seduções”, conforme registra a poeta:

Quando a pousada se compenetra da sua função turística e, além de um ambiente agradável, se propõe seduzir o viajante com algumas bruxarias culinárias, o hóspede é capaz até de esquecer a máquina

fotográfica e perder completamente o interesse pela paisagem: porque ainda se encontra em Portugal um bacalhau que não é de náilon e uns ovos sem estrôncio, e umas uvas que não são de matéria plástica, e – já sem falar das uvas nem dos figos – quando numa cozinha portuguesa há bacalhau e azeite, ovos e açúcar, nunca ninguém pode adivinhar o que a imaginação lusitana, com suas heranças árabes, pode inventar para comover o visitante. (Meireles 1999: 73)

Pelos elogios cecilianos, percebe-se que, naquele ambiente, o hóspede poderia desfrutar de toda a comodidade de um ambiente preparado para lhe agradar, além de poder provar o que ela chama de “bruxarias culinárias”. Cecília destaca uma espécie de turismo gastronômico, em que as iguarias portuguesas são mais um dos atrativos que conquistam o turista. Além disso, os ingredientes que aponta são apreciados porque são tracionais e de qualidade, permitindo ao visitante entrar em contato com um nicho específico da cultura lusitana – a culinária. Aliás, a gastronomia parece ser um chamativo muito importante para os turistas, como bem salienta a cronista:

Não falo propriamente por mim, que resisto à condição turística: mas não ouvimos, todos os dias, pessoas excelentes que, ao falarem de Roma, citam macarrões antes do Vaticano? E outras que, ao recordarem Paris, estalam com a língua e dizem, de olhos fechados, “sopa de cebolas”, em lugar de dizerem, por exemplo, Louvre ou Notre-Dame? Não há quem caminhe léguas, mirando todas as tabuletas, até encontrar um anúncio de “rãs douradas”? (Meireles 1999: 74)

Nota-se, aqui, a recusa ceciliana em admitir-se turista, salientando o fato de que ela “resistiria” à condição de deixar-se levar por sabores apetitosos, apesar de destacá-los com grande ênfase anteriormente. O que mais chama a atenção, entretanto, é o fato de que, em meados da década de 50, Cecília Meireles descrevia um tipo de turismo que anos depois ganharia variadas nomenclaturas e estudos comprometidos sobre o tema. Trata-se do *Culinary Tourism, Food Tourism ou Gastronomic Tourism*, que, como afirma Simão Oliveira (2008: 3), é “o turismo em que a oportunidade de usufruir de experiências culinárias contribui de forma decisiva para viajar ou para planejar um itinerário de viagem.” Como salienta a cronista, a comida é tão importante para alguns turistas que chega a ser a principal meta da viagem ou a mais importante referência que o viajante guarda de um lugar. Todavia, para realmente tornar-se uma marca gastronômica de determinada região, a culinária precisaria ser autêntica e apetitosa, uma combinação de ingredientes e preparo que beira o ritualístico. Isso é descrito na sequência do texto, quando Cecília aborda a questão da gastronomia brasileira:

E, no Brasil, mesmo, não é tão comum vermos pessoas que chegam de longe com um caderninho e um lápis, para copiarem receitas baianas, como se tais receitas existissem, como se não fossem de criação espontânea e privativa dessas poderosas mulheres cobertas de mantos,

figas, turbantes, que aos seus bolinhos e pirões acrescentam benzeduras, sonhos, crenças, histórias, cantigas, – enfim, o seu mundo mágico, onde, na verdade, mais do que nos ingredientes, estão o perfume e o gosto de suas quitandas? (Meireles 1999: 74)

No trecho em questão, vê-se que a autora destaca a preservação da integridade culinária que perdura em determinadas regiões brasileiras, como se algumas receitas possuíssem uma origem quase mítica. Observa-se que, para a cronista, muito mais do que alimentos característicos, a cultura gastronômica de um país é a expressão de suas raízes, e com isso as receitas carregam uma dimensão afetiva que atravessa a preparação, a degustação e evoca a magia e o espírito do lugar. A ideia de que a comida é uma expressão da cultura, da identidade de um povo é registrada por historiadores como Massimo Montanari que em sua obra *Comida como cultura* (2008) afirma:

assim como a língua falada, o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica, é depositário das tradições e da identidade de um grupo. Constitui, portanto, um extraordinário veículo de auto-representação e de troca cultural: é instrumento de identidade, mas também o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas (Montanari 2008: 183)

O ponto de vista defendido por Cecília em sua crônica reflete essa caracterização da comida como “veículo de auto-representação”, “depositário das tradições e da identidade de um grupo”, além de um meio de promover essa troca cultural. Pensando nas implicações que envolvem a culinária e a história de um povo, a autora constituirá uma das passagens mais líricas de seu texto, e talvez uma das mais marcantes em suas “crônicas portuguesas”. Abordando a cozinha lusitana e seu prato mais célebre – o bacalhau, ela evidenciaria que, assim como as receitas baianas são envolvidas por uma simbologia caracteristicamente brasileira, o preparo da iguaria portuguesa também refletiria muito da essência de seu povo:

Pois o bacalhau não é assim uma coisa tão simples como parece: é um peixe (ainda que muita gente duvide...), um peixe comprido na sua saudade do mar; um peixe com um sal que é como o das lágrimas; uma criatura de profundidade e horizonte, que de repente se vê na terra seco e reduzido. Então, vem o bom cozinheiro lusitano, e põe-se a conversar com ele, e com suas histórias antigas de piratas e barcos, e violas e sereias, e adeuses e saudades, - aquilo que parecia uma triste múmia de peixe vai recobrando vida, e ganhando aroma e sumo, desmanchando-se, fibra a fibra, que nem os malmequeres quando com eles conversam os namorados. (Meireles 1999: 74)

Observa-se aqui a descrição de um verdadeiro ritual lírico que envolve a preparação do prato lusitano, no qual a própria natureza do peixe (comprido, salgado) é narrada sob um viés poético. Subtraindo o bacalhau de sua mera condição



de alimento, Cecília transforma seu feito em um labor artístico e sensível, em que o cozinheiro vai impregnando as tradições lusitanas. Assim, o que antes era “seco e reduzido”, torna-se uma iguaria que reflete muito mais do que sabores e aromas, mas que traz em seu bojo a própria história e a cultura portuguesa. O resultado desse exercício culinário capaz de envolver elementos tão subjetivos seria, segundo a cronista, “uma paisagem dourada, mais para se admirar com os olhos, se não fosse – muito mais que admiração – amor prová-la” (Meireles 1999: 74). Se, por si só, a receita já proporcionava prazer ao paladar e aos olhos, se servido envolto em outras tradições como louças ou toalhas, o prato tornava-se ainda mais apreciável:

E se houver em redor pratos de barro com peixes pintados no fundo; casas; louças de Barcelos; esses bonequinhos de Estremoz, com seus cajados e suas carapuças; essas jarrinhas de barro cor de ardósia, que parecem de carvão e de prata; essas mantas riscadas; esses bordados azuis de Viana, alguma coisa vinda tão diretamente da imaginação e das mãos do povo como este prato da imaginação e das mãos do cozinheiro... então, ah!... (Meireles 1999: 74)

Elencando objetos e produtos artesanais característicos de Portugal, destaca-se o valor dessa arte tradicional, que, como se salienta no texto, surge “diretamente da imaginação e das mãos do povo”. Constata-se, assim, que em terras portuguesas o turista poderia experimentar as delícias culinárias, autênticas e saborosas que estariam envoltas em tradição e história. E teria ainda à disposição, outros elementos que refletem a cultura local e enriquecem seu contato com a terra e o povo dali, pontos significativos para a viajante Cecília. Todavia, a autora faz uma ressalva: “às vezes, as pousadas estilizam esses temas. As coisas ficam muito mais turísticas do que folclóricas... Mas também não se destinam mais aos turistas do que aos estudantes de folclore? – e fica uma coisa pela outra, tendo de permeio um artesanato que costuma ser de bom gosto” (Meireles 1999: 74).

A crítica ceciliana reflete a constatação de um modelo turístico que, na tentativa de atrair o viajante com temas artísticos, gastronômicos, culturais autóctones, acaba deturpando tais conceitos e tornado-se artificial, falso. Tal questão, como explica Silvana Micelli de Araújo (2001), justifica-se porque, se a viagem à moda antiga baseia-se numa concepção essencial de arte, o turismo volta-se para a “não-arte”, definida como

tudo que é criado artificialmente (artefatos, ou mesmo a chamada “arte nativa”, e qualquer objeto para ser mostrado aos turistas), ficando assim inventada a irreabilidade. [...] De conjuntos arquitetônicos a um utensílio qualquer, tudo pode ser tratado turisticamente, como elemento de algo representado, encenado para turista ver, produzindo assim a materialização do “pseudo-evento/realidade. (Araújo 2001: 56-57)

Ainda que algumas pousadas tenham o demérito de transformar motivos folclóricos em exageradas encenações para turistas, percebe-se que Cecília aborda o assunto evidenciando que, se tais lugares eram buscados por esse tipo de público,

teriam que oferecer atrações que fossem ao encontro do que ali se procurava. Como frisado anteriormente, segundo a autora, o turista gostaria de entrar em contato com tudo que diz respeito ao universo do lugar que visita. Ainda que houvesse certa encenação no que se apresentava aos turistas em Portugal, tal constatação não prejudica a opinião ceciliana sobre as pousadas. Percebe-se que o assunto é encerrado como se a “estilização de temas”, o turístico imperando sobre o folclórico, parecesse aceitável em um contexto em que o turista é o foco principal e aceitará de bom grado o que lhe proporcionarem.

Por isso, Cecília segue adiante, refletindo sobre o fato de que as pousadas podem “inventar mil receitas curiosíssimas para o paladar do viajante”, tanto que se esse tivesse condições financeiras, tencionaria “passar mil dias em cada uma, distraído com essas invenções.” (Meireles 1999: 75) Além das receitas que inspirariam o turista a ficar, a cronista louva também os arredores das pousadas, encantadores com suas “igrejas; capelas; museus, palácios com pajens atrevidos, esposos barbudos e damas conseqüentemente apunhaladas; bibliotecas; jardins; azulejos; fontes; pedras tumulares; o lugar onde este Fulano, onde Sicrano passou, etc.” (Meireles 1999: 75). Apesar de todos os atrativos, fossem históricos, naturais, folclóricos, artísticos, e do desejo de ali permanecer, a viajante destaca o fato de que as pousadas não permitiriam “abusos de bom gosto e de dinheiro”, no que, segundo ela, “fazem muito bem”. Delimitando dias para cada hóspede, o lugar conseguiria garantir que cada qual tivesse “a sua fatia de felicidade” (Meireles 1999: 75).

A conseqüente felicidade advinda pelos mais variados motivos como expôs Cecília Meireles ao longo do texto, ficaria evidente, segundo ela, nas páginas dos “Livros de Ouro” das pousadas, em que os turistas registravam as impressões acerca da hospedagem. Tais escritos eram tão inspiradores, a ponto de que a autora afirmasse que, com esses livros, poder-se-ia perceber que havia “muito mais poetas no mundo do que se pensa e, muito mais escolas literárias do que se imagina” (Meireles 1999: 75). Assim, a autora constata quão profícua era a atividade de alguns “poetas de ocasião”, que, ao registrarem suas opiniões, acabavam revelando uma veia literária e poética, bem como se constata o sucesso das pousadas ao conseguirem inspirar seus hóspedes de forma tão sincera.

Exaltando o turismo em Portugal na maior parte da crônica, Cecília encerra seu texto de maneira inusitada ao trazer novamente à tona o Brasil como assunto. Abrindo parênteses, recurso amplamente utilizado como uma espécie de aparte, um diálogo mais íntimo com o leitor, ela afirma: “(Mas, se o Brasil fosse turisticamente tão bem organizado, – que me desculpem os amigos de aquém e além-mar: neste capítulo não seríamos vencidos!)” (Meireles 1999: 75). Observa-se por essa última frase, que apesar das críticas ao turismo brasileiro ou o louvor às pousadas lusitanas e tudo que ofereciam, Cecília permanecia acreditando no potencial turístico (e poético, já que menciona a literariedade dos “Livros de Ouro”) de seu país. Suas constatações apenas transportam para a prosa o olhar de uma autora que se manteve atenta, indagadora e crítica diante dos problemas e situações de sua época.

Como viajante que foi, o turismo fez parte da vida de Cecília em alguma medida, ainda que ela mesma não o admitisse. Sua antipatia pela comida, por banheiros sujos, colchões desconfortáveis ou o relato de compras que aparecem em muitas das cartas que enviou às três filhas em períodos de viagens, atestam o pouco

de turista que existia nessa viajante. Talvez exatamente porque existisse nela uma veia turística, Cecília conseguia apreender com mais clareza as deficiências do turismo brasileiro, ou elogiar com acerto as vantagens de se conhecer Portugal e suas pousadas, destacando tudo que ali se poderia encontrar e admirar. Como ressalta Cecília, ao menos em terras lusitanas, o viajante iria deparar-se com a história e as tradições do povo que se refletem na comida, nos lugares, nos objetos e nas próprias pessoas, possibilidade que deveria ser oferecida em qualquer viagem, inclusive no Brasil. Por tudo que afirma, o presente texto vem somar-se à galeria de diferentes visões registradas sobre Portugal: aqui sob a perspectiva de um turista consciente daquilo que procura. E, que, além de encontrar o já conhecido, pode deparar-se com outras surpresas como descobrir-se poeta ou literato.

### CECÍLIA MEIRELES AND THE TRAVELER'S CHRONICLE: A GUIDE TO LEARNING TOURISTS

**Abstract:** Cecília Meireles is one of the names with higher importance in our national poetry. Nowadays, even more readers, critics and researchers discover in Cecília also an talented chronicler. Her texts, written for journals between 1930 and 1964, just recently began to be published and known by a more expressive audience. The chronicle "Speaking of tourism", here analyzed, falls into the category of traveler's chronicles and opposes tourism in Portugal to tourism in Brazil, remarking some negative points at the treatment that brazilians give to their tourists.

**Keywords:** Cecília Meireles; chronicle; tourism.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Silvana Miceli de. Artifício e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In: JÚNIOR, Álvaro Banducci; BARRETO, Margarida (orgs). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001.

FIGUEIREDO, Silvio Lima; RUSCHMANN, Doris Van de Meene. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. In: *Novos cadernos-NAEA*, v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem* (vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de viagem* (vol. 3). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de Educação* (vol. 5). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. *Três Marias de Cecília*. Marco Antonio Moraes (org). São Paulo: Moderna, 2006.

\_\_\_\_\_. *Episódio humano*. Rio de Janeiro: Desiderata; Batel, 2007.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Simão Pedro Ravara de. *A importância da gastronomia na deslocação de visitantes: estudo de caso* (Dissertação de Mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 26/02/2013 E APROVADO EM 09/05/2013**